

Revista Brasileira de Cartografia (2015), Edição Especial de Cartografia Histórica: 729-746  
Sociedade Brasileira de Cartografia, Geodésia, Fotogrametria e Sensoriamento Remoto  
ISSN: 1808-0936

## **UM RISCO, UM LAGO, UM RIO - O RIO SÃO FRANCISCO E SUAS IMAGENS CARTOGRÁFICAS EM MAPAS ANTIGOS DO BRASIL E DAS AMÉRICAS**

*A Risk, a Lake, a River – the River São Francisco and your Cartographic Images  
in Old Maps of Brazil and of Americas*

**Carlos Rodrigues Brandão<sup>1,2</sup> & Maristela Corrêa Borges<sup>2</sup>**

**<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**  
**Programa de pós-graduação em Antropologia Social**  
R. Sampaio Ferraz, 392 – Cambuí – Campinas, SP.  
carlosdecaldas@gmail.com

**<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia – UFU**  
**Programa de pós-graduação em Geografia - IG**  
R. Aires Ribeiro, 116 – Santa Rosa – Uberlândia, MG..  
maristela\_correa@yahoo.com.br

*Recebido em 16 de Abril, 2012/ Aceito em 23 de Maio, 2012*  
*Received on Apryl 16, 2012/ Accepted on May 23, 2012*

### **RESUMO**

Este estudo foi realizado a partir de uma leitura de cópias de mapas antigos do Brasil, da América do Sul e das Américas, entre os anos de 1500 a 1800, e fez parte do Projeto Etnocartografias do São Francisco. A partir dele é possível reconhecer como de um mapa antigo a outro, o rio São Francisco foi sendo inscrito e escrito por diferentes cartógrafos, durante os primeiros séculos de colonização, comparando-o com outros traços, riscos, desenhos sinuosos e representações. Trata-se de uma análise geográfica e antropológica de como o rio São Francisco foi sendo representado em mapas antigos desde a chegada dos primeiros europeus às Américas.

**Palavras-chave:** Rio São Francisco, Mapas Antigos, Etnocartografia

### **ABSTRACT**

This study was accomplished through the reading of copies from ancient maps of Brazil, South America and the Americas, between the years of 1500 and 1800, and it is a part of the project Ethnocartographies of São Francisco. From this study, it is possible to recognize how, from an ancient map to another, the São Francisco river was registered and described by different cartographers along the earlier years of colonization, comparing it with other design, traces, sinuous drawings and representations. It is composed of a geographic and anthropologic analysis of how the São Francisco river was represented in ancient maps, since the arrival of the first europeans to the Americas.

**Keywords:** São Francisco River, Ancient Maps, Ethnocartography

## 1. COMO UM GUIA DE NAVEGAÇÃO

Em tempos em que a tecnologia eletrônica “via satélite” permite desenhar desde uma fração de um riacho à imensidão da foz do rio Amazonas com detalhes até pouco tempo inimagináveis, as questões com que abrimos este exercício de leitura de mapas antigos poderia parecer estranha, fora de época, pitoresca mesmo. No entanto, este artigo procura entender as seguintes questões: a) como um rio é representado em um mapa; b) como se traça o perfil de seu curso da nascente à foz; c) desde onde ele é visto para ser traçado; d) porque desenhos de figuras humanas, de cenas, de paisagens entre a natureza e a cultura estão presentes com grande destaque em alguns mapas antigos e são ausentes em outros; e e) porque, de uma época para outra, eles desaparecem.

Enfim, entre a ciência de uma época e a arte de um tempo, entre a obrigação de buscar ser preciso e o desejo de colocar no mapa também o imaginário, busca-se entender aqui o que afinal compõe um mapa de um território, de uma região, de um vasto lugar com um nome, como “Terra Brasilis”, de todo um continente “descoberto”, “achado”, “conquistado” do outro lado do grande “mar oceano”.

Este exercício de leitura de mapas pioneiros fez parte das pesquisas e dos trabalhos realizados no Projeto *Etnocartografias do Rio São Francisco: modos culturais de vida cotidiana, culturas locais e patrimônios culturais em/de comunidades tradicionais no Norte de Minas*, executado nos anos de 2009 a 2011, com apoio do CNPq. Começou a ser elaborado durante uma viagem de barco entre cidades, ilhas e comunidades do rio São Francisco, em seu trecho navegável em Minas Gerais, de Pirapora ao município de Manga.

A quase totalidade dos mapas reproduzidos aqui e comentados pelos autores, foi obtida de um mesmo livro: *O tesouro dos mapas - a cartografia na formação do Brasil*, uma coleção de mapas de várias épocas, entre os anos 1500 e 1800, editado em 2002 pelo Instituto Cultural Banco Santos. Estes mapas foram elaborados por cartógrafos, em geral da mesma época e nacionalidade dos viajantes e navegantes que chegaram às Américas neste período. Escritos em suas línguas originais, ou em Latim, chama a atenção que justamente alguns nomes indígenas,

retraduzidos por europeus, os unificam.

Alguns são mapas apenas do que seria então o Brasil, a *Terra Brasilis* e as suas fronteiras com outros territórios. Outros tomam toda a América do Sul e parte da América Central. Outros envolvem todas as Américas e, não raro, incorporam o Ártico e a Antártica, deixando de fora apenas o que está “do lado de cá” (para os europeus) do Atlântico. Raros estendem-se a um quase mapa-múndi. Dos mapas – alguns deles exagerados em suas cores – preferimos reproduções em preto-e-branco para uniformizar o que se dá ao olhar. O Rio São Francisco está destacado com cor azul em todas as cópias para facilitar sua localização e a interpretação de sua importância no decorrer do tempo na cartografia.

Concentrando o olhar sobre os territórios entre o que veio a ser Minas Gerais e partes do Nordeste, sobretudo em áreas próximas ao que seriam Sergipe e Alagoas, este estudo procurou analisar os mapas aqui apresentados. O propósito foi reconhecer como de um mapa antigo a outro, o rio São Francisco foi sendo inscrito e escrito por diferentes cartógrafos. Com o olhar centrado sobre o perfil de um rio, em várias vezes tornou-se útil mencionar outros, próximos ou distantes, e comparar o São Francisco com outros traços, riscos, desenhos sinuosos e representações, bem como entender, entre nomes escritos em diferentes línguas, como um rio entre outros foi sendo “traçado” ao longo de mapas, culturas e épocas.

Não houve preocupação sobre uma cronologia, vindo dos mais antigos para os mais recentes, embora isto tenha acontecido em parte, por causa do que era acrescentado ao São Francisco entre um mapa e outro. Constatou-se que algumas diferenças notáveis na representação do rio São Francisco não obedecem a uma rigorosa sequência de datas, entre anos e séculos, pois em alguns mapas o rio aparece de maneira muito mais próxima à forma como é representado atualmente, do que em outros posteriores a estes.

Procuremos traduzir isto tomando a sequência de fatos que mais importa considerar aqui. Um olhar algo mais atento encontrará explicações para o fato de que o rio São Francisco apareça representado através de pelo menos três sequências de imagens padrão. Na primeira sequência, ele é representado como um pequeno

risco no mapa. Um risco ora tracejado com uma linha só, ora com duas, estabelecendo as duas margens que, no entanto, desembocando num litoral próximo, em quase nada se adentram em linha reta para um breve “interior”. Na segunda sequência, ele se alonga e toma o rumo interior-litoral, ou oeste-leste. O interessante é verificar que ora ele nascerá de um lago interiorano, ora formará um ou mais lagos próximos do litoral. Na terceira sequência, ainda com o lago ou já sem ele, o rio São Francisco toma afinal a sua direção sul-norte-nordeste até chegar a um traçado bastante semelhante ao que aparece com detalhes nos mapas mais atuais. (o que pode ser observado na Fig. 1).

## 2. UM PEQUENO RISCO NO MAPA

É costume, sobretudo no Norte de Minas, acreditar que o nome primitivo e indígena do rio São Francisco, ou Rio de São Francisco, seria *Opará*. Principalmente entre estudiosos, professores e estudantes universitários da região, o nome *Opará* é sempre lembrado e repetido. E poderia significar “rio mar”.

Este nominador, cuja definida cultura indígena de origem é desconhecida, presente e ativo na memória e na cultura sertaneja e ribeirinha, não aparece em nenhum dos mapas antigos consultados por nós. Em Português, em Espanhol, em Francês, em Inglês, em Holandês e mesmo em Latim ele surgirá sempre com este nome e suas variantes, tais como: *S. FranciSco*, *Rio São Francisco*, *Rio S. Francisco*, *R. S. Francisco*, *Rio de S. Francisco*, *Rio de Sanct. Francisco*, *r. de s. FranciSco*, *R. San Fracesco*, *R. de S. FranceSco*, *R. de S. François*, *Riviere de Saint François*. O único nome de origem

indígena que aparece escrito em alguns mapas, ora a sós, ora acompanhando o nominador São Francisco, é: *Pirapitinga*, em algumas vezes grafado como *Pirapitingaa*.

De acordo com Godinho & Godinho (2003), o rio o São Francisco teria sido “descoberto” por Américo Vespúcio no ano de 1501. A sua foz, podemos imaginar, e a forma original com que ele é desenhado deverão atestar um primeiro e apressado olhar “do mar para a terra”. Não em mapas, mas no texto conhecido da viagem de Richard Burton entre Sabará (Sabarabuçu) e a foz do rio São Francisco, vindo do Rio das Velhas, encontramos algo que poderia lembrar o nome *Opará*.

“O autor de “Notícias do Brasil” (1589) informa-nos que as tribos, outrora numerosas e agora extintas, dos caetés, tupinambás, tapuias, tupiães, as amorpiras (sic) ubirajaras e amazonas - naturalmente havia também amazonas - que viviam na margem desse rio, o chamavam de “Pará”, o mar. Os antigos exploradores portugueses desceram a costa de calendário romano em punho e, assim, o São Francisco (da Borja) deve seu nome ao santo jesuíta a quem é consagrado o dia 10 de outubro. Varnhagem atribui a honra à pequena esquadra de cinco caravelas que, comandada por João de Nova e tendo a bordo o piloto e cosmógrafo Vespúcio partiu de Lisboa em meados de maio de 1501.” (BURTON, 1977. P. 167)

Estaremos diante de um duplo engano? Primeiro: atribuir o nome *Opará* ao São Francisco dos indígenas, quando a única grafia encontrada é *Pará*, de resto um termo indígena

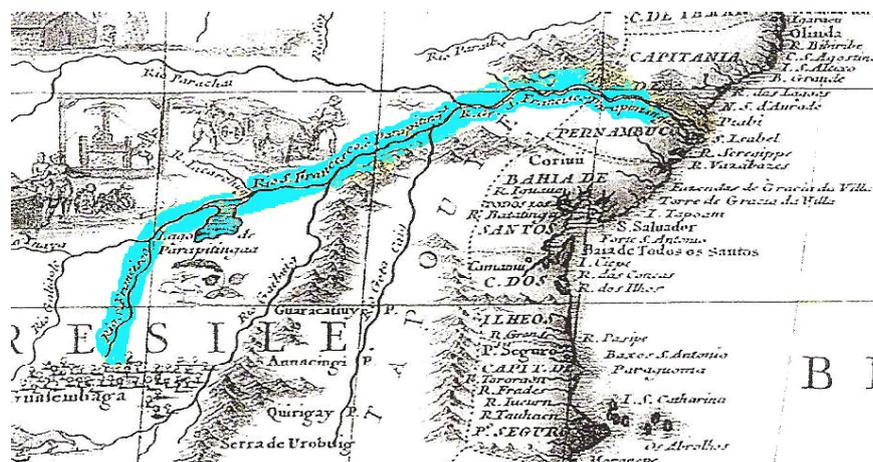


Fig. 1 - America Meridionale. Vincenzo Coronelli, 1692. 59 x 87,5cm.

bastante comum? Segundo: associar o nome português do rio a São Francisco de Assis, simbólica e ritualmente tomado como nominador e padroeiro do rio e de toda a região? Seria um outro Francisco o sujeito do nome, por ser seu, no calendário canônico católico o dia da “descoberta” e, não, Francisco de Assis? Um santo totalmente desconhecido no Brasil de agora e, acreditamos, do passado também? Lembremos que a tradição católica festeja o dia de São Francisco de Assis em 4 de outubro, não muito longe do 10 de outubro assinalado por Burton.

Descoberto “do mar para a terra” e, provavelmente, de dentro das caravelas para as suas águas, o rio São Francisco terá sido inicialmente visto através de seu belo estuário, após passar diante de Penedo e, antes, por Propriá, a antiga *Urubu de Baixo*, no local onde, entre dunas e areias que separam o mar do rio, existe agora um povoado de pescadores com este nome: Pontal do Peba. Assim como outros inúmeros rios mais ao norte ou mais ao sul dele, é traçado inicialmente como um pequeno risco. Um breve traço que em muito pouco avança terra adentro. Vejamos uma imagem e depois outras.

O ano é 1599. O cartógrafo autor do mapa, mostrado na Figura 2, assina este nome: *Leoinum* ou *Leuniun Hulsium*. Este mapa possui uma diferença notável. Ela indica rumos entre linhas e palavras. Na exata direção do nordeste sai dela uma linha perpendicular rumo à Europa. Sobre a linha está escrito: *Linea ad Tercera et Anglian*. No ponto subcolateral logo abaixo, uma segunda linha aponta; *Linea ad. inf. Maderam*. Em outro ponto subcolateral acima do leste (*Oriens*) outra linha perpendicular menos inclinada indica: *Linea da Inf. Viridis*.

No litoral do que veio a ser a região Nordeste do Brasil, pequeninos riscos tracejam inúmeros rios, todos eles desaguando no mesmo oceano. Um dos menores traços, um menos do que um risco de dois milímetros, tem este nome: *R. de S. FranciSco* (a letra S maiúscula sugere a letra de grafia antiga. Algo entre um S alongado ou mesmo um F). Mais ao norte dele, outros rios são desenhados com iguais mínimos traços: *R. Pedras*. *R. S. Antonio*, *R. S. Maria*. Acima deles o *C. de S. AguStino*. Logo mais ao sul do São Francisco está desenhado apenas o *R. Real*. Logo abaixo já está localizada a *B. de todos Santos*.

Escrito sobre o oceano há dois nomes:

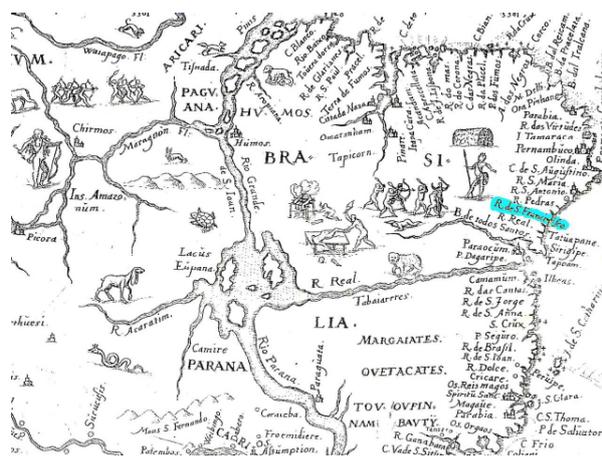


Fig. 2 - DEL ORO, NICARAGVA, Insula ANTILLAS et PERV. Et Sub Tropico Capricorni, CHILE, RIO DELLA PLATA, PATAGONV, & FRETU MAGELLANICV. Noriberga Per Leuinum Hulsium. Anno 1599.

*Tatuapana* que sugere ser também o nome de um rio, pois está junto a um traço semelhante ao do São Francisco, e *Sirigipe*. Mais ao sul a Bahia de Todos os Santos avança terra adentro com dimensões de desenho tais, que a sua simples abertura ao mar é três vezes maior do que o traçado de todo o rio São Francisco.

Mas é o que está ao sul da Bahia de Todos os Santos o que mais chama a atenção. Ali sim, o cartógrafo desenha um grande rio. Ele tem também este nome: *R. Real*. Muito antes de desaguar no oceano, um pouco acima de *Ilheas*, ao contrário dos outros do Nordeste, ele nasce e vem de longe. Vem do quase centro do que hoje seria o Brasil, mas não o centro do mapa, que começa no *Maré del Nort* e vai até o *Maré Pacificum* muito a oeste.

O lugar de onde ele parte em direção ao litoral do Oceano Atlântico – ainda sem este nome – é o *Lacus Eupana*, a que teremos que voltar em outros momentos. Inclusive porque de um mesmo ou semelhante lago partirá em outros mapas o São Francisco. Dele saem grandes rios em diferentes direções. Rumo ao norte nasce o largo *Rio Grande*, que mais acima, numa quase mesma linha horizontal do São Francisco, deságua no *Maragnon Fl*, ou o recebe como afluente, não se pode saber ao certo.

Juntos, eles formam um largo rio de muitas ilhas. Qualquer uma delas é desenhada maior do que todo o curso do São Francisco. Depois da junção, eles são agora o *Rio de las Amazonas* e *Orellana*. Tomando a direção oeste deságua

no grande lago (ou nasce e deságua nele) o *R. Acaretin* e, mais abaixo, em direção ao sul, o rio *Canuire*, que os *Mons San Fernando* tratarão de barrar logo adiante.

Mais largo e longo do que todos os outros, desce ao sul o *R. Paraná*, que pouco antes de desaparecer do mapa deixa a oeste a *Vila de Afsumption* e, a leste, o *R. Guanabara*, que deságua na baía ao lado da qual estará erguida a cidade do Rio de Janeiro.

Este mapa de um quase final do século em que o Brasil foi encontrado merece algumas palavras mais. Tal como outros mapas de seu tempo, ele oscila entre o dever de uma cartografia fiel e o desejo de incorporar a nomes de acidentes da natureza, desenhos de representação livre e do imaginário. Algumas casas ou igrejas de figuras simples indicam as poucas vilas e cidades de então: *Bogota*, *CuSco*, *Afsumpiom*, várias pequenas cidades entre o que seria a Bolívia e o Peru de hoje, e algumas vilas no Brasil, como Olinda, uma outra vila sem nome que provavelmente seria Salvador e duas vilas mais abaixo, no que será mais à frente o Espírito Santo.

Tudo o mais são cenas e seres que se repartem entre raros não-humanos (ou humanos extraordinários), como um ser que porta um arco e tem o rosto no peito, desenhado logo abaixo do *Parime Lacus* e não longe dos *Montes Andes*; desenhos de animais (veados, tatus, um inocente cachorro) e cenas de aldeias, guerras e antropofagias de indígenas.

Bem junto ao mínimo risco do rio São Francisco aparece desenhado um guerreiro indígena com uma lança na mão direita. Logo abaixo dele uma cena ilustra uma luta entre sete indígenas, estando um deles morto e estendido no chão, na quase nascente do rio que forma a *B. de todos Santos*. Mais adentro e já perto do grande *Lacus Eupana*, um índio agachado sopra o fogo sob uma trempe onde são assados um braço humano e uma perna. Ao seu lado, outro índio corta com um grande machado (maior do que o tamanho do rio São Francisco) o corpo de outro índio morto sobre uma mesa. No chão ao lado, estão uma cabeça e uma perna.

Observando a sequência de mapas apresentados anteriormente (nas imagens das figuras 3, 4, 5 e 6), é possível entender que os primeiros mapas traçam o desenho mais

completo de apenas alguns rios que teriam sido explorados por navegantes e conquistadores desde os anos quinhentos. O Amazonas, o Rio da Prata e mais alguns rios pelos quais portugueses e espanhóis – franceses e holandeses em menor escala – terão penetrado do litoral aos “sertões de dentro”.

Em alguns mapas, o rio São Francisco, assim como os seus vizinhos a sul e a norte, ganharão um traçado um pouco maior do que um simples traço. Vimos que nos primeiros mapas os rios que deságua no litoral são desenhados como um mínimo risco de uma só linha. Alguns

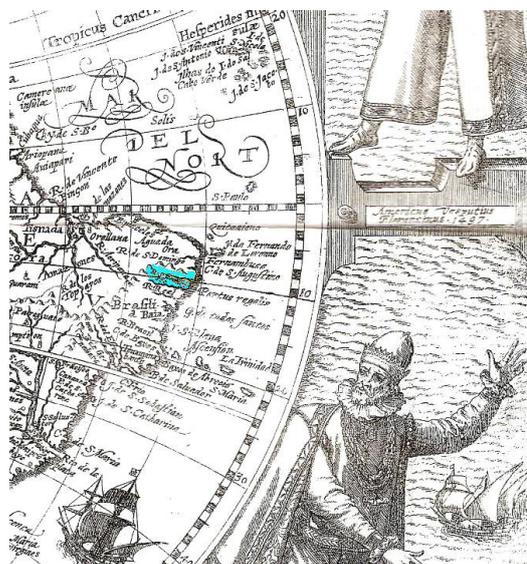


Fig. 3 - *America Sive Novus Orbis Respectu Europeorum Inferior Globi Terrestris Pars*. Girolamo Benzoni, 1596. 33 x 39,5 cm.

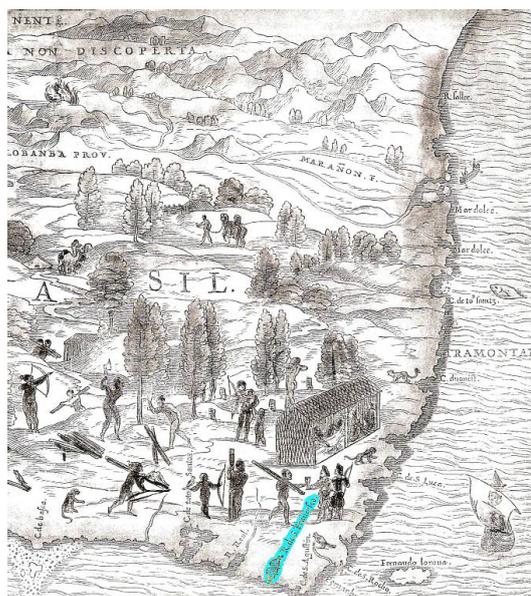


Fig. 4-*Brasil*, Giovanni Battista Ramusio, 1557. 27 x 38 cm. 27 x 38 cm.





Fig. 7 – *America Meridionalis*. Gerhard Mercator, 1606, 36 x 49 cm.

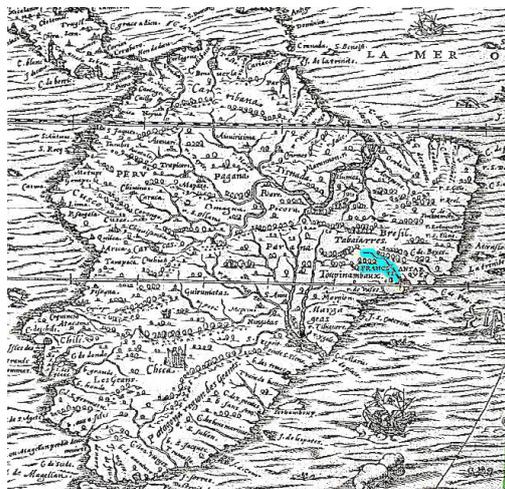


Fig. 8 - *Le Nouveau Monde Discoverit et Illustre de Nostre Temps*. André Thevet, 1581. 35,3 x 45,8 cm.

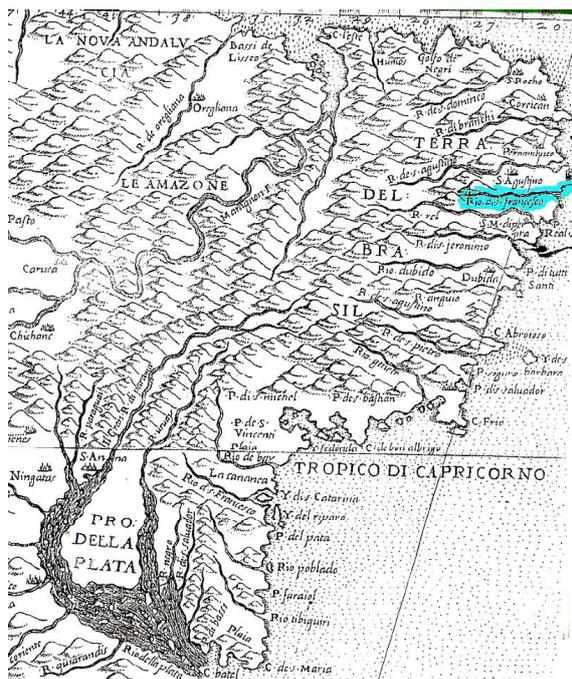


Fig. 9 - *La Descrizione di Tutto el Peru*. Paolo Forlani, 1562. 51,8 x 37 cm.

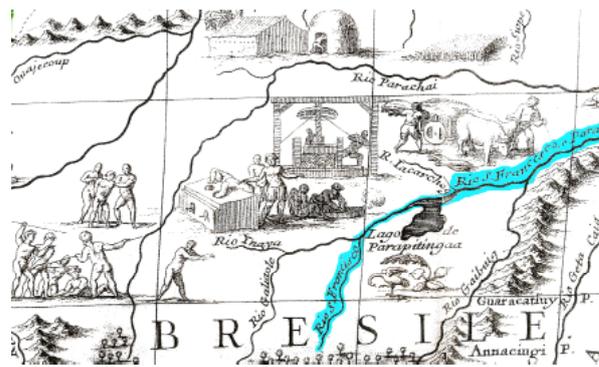


Fig. 10 - *América Meridionale*. Vincenzo Coronelli, 1691. 60,4 x 45,3 cm.

índio ergue uma grande borduna para com ela golpear um homem ajoelhado e amarrado com as mãos para trás. Em outra, um prisioneiro é levado por dois homens. Finalmente, na cena mais abaixo e próxima a um divisor simbólico de representações, quatro indígenas lutam com lanças, sendo que um já está caído ao solo.

Um índio sozinho, e como que em fuga, a meio caminho entre a nascente do *Rio Parachai* e o *Rio Galiaole*, estabelece uma espécie de divisor simbólico entre dois mundos: o da barbárie e matança a oeste, o do trabalho e da paz, a leste. Pois entre a margem direita do *Rio Parachai* e o *R. São Francisco*, todas as imagens de um mundo de cultura deixam de lado as armas e a antropofagia, e representam, com indígenas ainda, cenas que os brancos imaginariam como francamente européias. Em uma delas há um grande fogão de estilo europeu, e um homem (ou serão dois?) enfia a mão em um dos buracos como quem prepara a lenha para o fogo. Dois outros pacificamente o assistem; ao lado deles, outros dois, sentados no chão, trabalham provavelmente processando alimentos (não mais de corpos de mortos). Logo acima dois outros homens trabalham no que parece ser uma grande moenda de cana. Cana esta que talvez seja o que transporta um carro puxado por dois bois, ocupando boa parte do território entre o *S. Francisco* e o *Parachai*. Não deixemos de observar que uma casa de brancos quase encosta-se a uma maloca indígena por cuja porta entra um índio. Ao lado, em direção ao litoral, o retângulo de uma lavoura geométrica, provavelmente de cana, marca a evidência do domínio do mundo do colonizador. Assim, em todas as representações mais próximas ao litoral a simbologia dos desenhos é européia, mas os

seus atores são ainda indígenas... “civilizados”.

### 3. UM LAGO ENTRE A AMAZÔNIA E O SERTÃO

Dois mapas desta época representam algo estranho e pouco percebido. Um deles é italiano e outro francês. Em ambos, junto ao território de um sertão próximo onde em outros mapas nos espera um lago, há um intervalo entre duas partes dos mapas; entre duas quase metades de um mesmo rio. Um branco no traço do mapa que na *Carta Geográfica del Brasil* tem logo acima estes dizeres: *Qui il fiume S. Francesco perdesi sotto terra* (Aqui o rio S. Francisco perde-se sob a terra). Algo semelhante será dito a respeito do *R. Real* (*Diceci che rio Reale há alcuni rami qhe si fiendono 150.000 ed anche 240 legue nelle terre, e que scorre lungo tempo col Fiume de S. Francesco* - diz-se que o Rio Real possui alguns ramos que submergem 150.000 léguas de largura, e que corre longo tempo com o rio de S. Francisco). Logo abaixo desta estranha referência a um rio que por um longo trecho corre sob a terra, lemos estes dizeres: *Obacatiars abitanti nelle Isole nei contorni del Fiume s. Francesco* (Obacatiars – habitantes nas ilhas e no entorno do Rio S. Francisco).

A *CARTE de la TERRE FERME, du PEROU, du BRESIL, et du PAYS DES AMAZONES* - *Dressée fur lés Memoires les plus Nouveau & les obfervations les plus exactes*, (mapa da Fig. 11) é, com menos informações sobre povos e acidentes geográficos, a quase cópia do mapa italiano (mapa da Fig. 12). Também nela, acima de um intervalo entre dois trechos do São Francisco, estão escritos os mesmos dizeres: *Ici la Riviere S. se perd sur terre* (aqui o rio São Francisco perde-se sob a terra). Há também a informação sobre os indígenas *Obacatiars*, habitantes de ilhas e entornos do São Francisco e, sem a mesma riqueza de dados, uma semelhante observação sobre o Rio Real. É possível observar que o rio Real é bastante mais longo que o São Francisco e vem desde bem mais ao sul. O São Francisco será em diversos e diferentes mapas um rio que se alonga pouco a pouco, mas ainda com direção predominante oeste-leste e, depois, sudeste-nordeste.

O mapa inglês: *EAST COAST OF SOUTH AMERICA – BRAZIL, MIDDLE PROVINCES* (imagem da Fig. 13) está dividido em dois

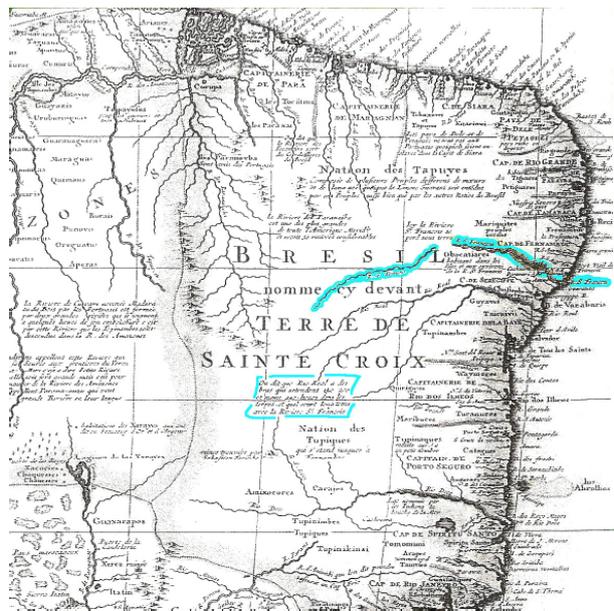


Fig. 11 - *Carte de la Terre Ferme, du Perou, du Bresil et du Pays des Amazones, Dressée sur les Mémoires les plus nouveaux & les observations les plus exactes.* Henri Châtelain, 1720. 60 x 52 cm.

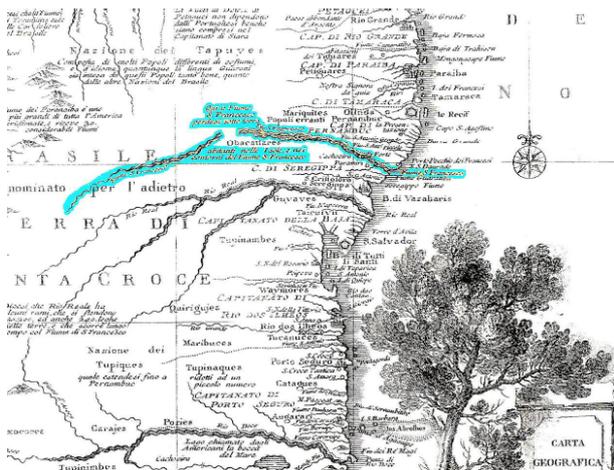


Fig. 12 - *Carta Geografica Del Brasill.* Giovanni Battista Albrizzi, 1740. 33,2 x 43,5 cm.

quadros. O primeiro centra-se na costa nordeste, da Bahia para o norte. O segundo sobre a “provincia do Rio de Janeiro”. No primeiro mapa é importante notar que o rio São Francisco cresce muito e vem de oeste adentro. E, ao contrário de outros mapas, ele faz uma moderada curva ascendente, prolongando rumo ao interior a divisa entre *Alagoas* e *Sergipe*. Diante de um mapa de 1860, podemos perguntar: qual o motivo desta quase única e estranha direção dada ao rio São Francisco, se em mapas bem anteriores ele se adentra pelo interior e pouco a pouco desce ao sul, entre o Nordeste e Minas Gerais?

Recuemos séculos. Em um mapa inglês datado de 1586 - um dos mais antigos que

encontramos - o R. Real e o R. S. FranciSco surgem de um mesmo primeiro segmento (O mapa é: *A NEW AND ACCVRAT MAP OF THE WORLD*. E em um quadro sobre a Antártida, então nominada como *Maggalanica*, aparece o nome de um *famous gentleman Mr. Thomas CandiSh, 1586* – mostrado na Fig. 14). Abrem-se, ainda no interior, em um lago sem nome. Correm como um só rio por mais um trecho que os aproxima do litoral, e nele deságuam, agora separados, em pontos próximos. Chama a atenção o fato de que o São Francisco, nomeado duas vezes ao longo de seu traçado, quase se confunde com um R. de Augustino.

Será este um primeiro mapa em que o rio São Francisco, sozinho ou com outro rio, formará um lago que, adiante, tomará o mesmo nome aqui e ali atribuído ao próprio rio: *Pirapitinga, Pirapitinga, Parapitinga*?

Estejamos atentos ao fato de que em alguns mapas deste segundo momento de representações, ora o São Francisco nasce de um lago, ora ele abre as suas duas margens, de modo a formar o que poderia ser uma suposta grande ilha, ora um lago retido no percurso de suas duas margens.

O misterioso *Lacus Eupana* retorna em um mapa holandês, de Amsterdã. Desenhado com cuidado e esmero, ele ocupa boa parte do centro do que seria o Brasil de agora. Muito próximo dele há rios que correm para a Amazônia, ou que já não estariam situados nela, ou em suas fronteiras. No entanto, nenhum deles sai do lago. O mais próximo dele é um braço do R. de *los Tapajós*, que atravessa uma serra e adiante deságua no R. *Maragnon*, já então largo e povoado de muitas ilhas no trecho próximo à sua imensa foz.

A oeste do *Lacus Eupana* uma teia de rios e afluentes, todos eles traçados sem um nome, chegam até o lago e parecem ser os seus formadores. Tomando uma direção sul, em linha quase reta sai dele o R. de *la Plata*, que mal deixa o *Lacus Eupana* já se alarga muito e forma um segundo lago, sem nome algum.

Richard Burton talvez seja o autor cujas informações diretas e de segunda mão sobre um misterioso lago interior e fonte de origem de rios de grande porte, sejam as mais completas. Vejamos.

“As mais antigas tradições (“Noticias



Fig. 13 - *East Coast of South América / Brazil, Middle Provinces* Heinrich Mahlmann, 1860. 47,5 x 31,5 cm.

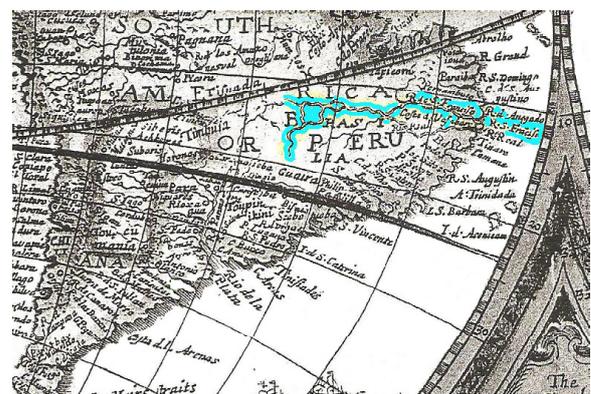


Fig. 14 - *A New and Accurat Mpa or the Word...* Robert Walton, 1656-1659. 39 x 52 cm.

do Brasil”, 1569), vindas dos selvagens, fazem o S. Francisco nascer “em um grande lago, que seria muito desejável descobrir”. Luccock (p. 530) observa que.

“no São Francisco e no Paraná, observamos os escoadouros de um imenso lago interno, limitado a leste pelo Serro Frio e pela Mantiqueira, ao sul pela serra do Maracanã e a oeste pelas que separam o Paraná do Paraguai ou ficam entre esses rios. As águas desse antigo mar elevado romperam suas barreiras a 15° e 20° de lat. S. e ainda estão escavando seus canais mais profundamente nas cachoeiras de Pirapora, ao norte, e de Sete Quedas, ao sul; (...) I Sr. Halfeld (“Relatório”, p. 108) está inclinado a pensar eu as serras de Ibiapaba e de Itacutiara, Brejo e Itacaratu, com os acidentes menores perto do Monte Escuro, constituíram as velhas paredes de um amplo mar de água salgada”. Imagina que ele foi drenado através da Cachoeira de Itaparica (317 léguas) que irrompeu e formou a futura Cachoeira de Paulo Afonso. Abundam salinas ao longo de toda essa linha, as margas e os saibros calcáreos contem grande quantidade de sal (cloreto de sódio) e salitre chileno (nitrato de sódio) e, como no Vale dos Índios, o sal da terra vem à superfície na estação seca. Devo acrescentar que a presença de iodo explicaria a ausência de bócio e o fato de crescer bem o coqueiro a distâncias tão grandes do oceano.” (BURTON, 1977, p. 177-78)

Uma cena francamente geopoética pode ser entrevista na direção oeste-leste do lago. Dali sai um rio, inicialmente sem nome, e mais adiante ele se abre em dois. Mas antes de dividir-se, o que se dá ao olhar é que, vindo de sul a norte, outro rio também sem nome nele deságua, ao mesmo tempo em que segue o seu curso em direção ao litoral, formando com o restante do desenho uma estranha figura pentagonal. Este rio sem nome poderá ser o de uma representação do próprio São Francisco, vindo desde muito ao sul em direção à sua inflexão oeste-leste.

Uma sequência de imagens dos costumeiros desenhos de cultura-entre-a-natureza aparece no mapa holandês (Fig. 15), bem desenhado e dividido entre o preguiçosamente pacífico e, de novo, o belicoso-antropofágico. Pois abaixo da linha do rio e entre os dois lagos – ou um lago de origem e uma divisão de um rio em dois – o

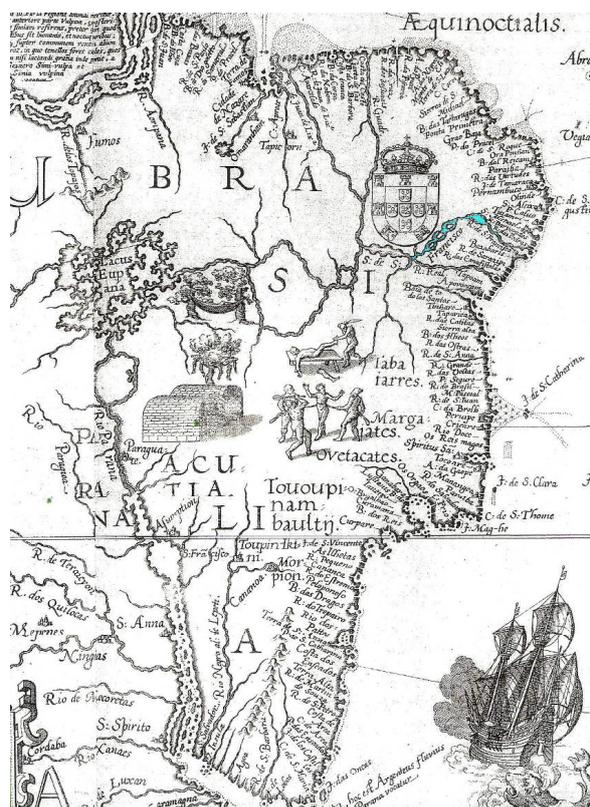


Fig. 15 - *Meridionalis Americae Pars* Petrus Plancius, c. 1592-1610. 39,5 x 55,5cm.

cartógrafo lembrou-se de desenhar com esmero duas árvores copadas. A copa de cada uma quase se apóia em cada um dos lagos. Pendente dos dois troncos uma rede de dormir acolhe o corpo pouco visível de uma pessoa adormecida.

A cena de paz e sono contrasta com as imagens próximas. Logo abaixo dela, entre as pontas dos rios nascentes (um deles o que sobe para desaguar no rio que sai oeste-leste do *Lacus Eupana*), de uma estranha grelha de madeira pendem braços e pernas que assam sob o fogo aceso. Mais a leste, no desenho de cima, um índio corta com um grande golpe de facão o corpo de um homem morto e deitado sobre uma mesa. Enquanto mais embaixo um prisioneiro amarrado por uma corda está prestes a receber sobre a cabeça o golpe que o matará. O domínio de imagens de povos indígenas “selvagens e antropófagos” sugere um mapa dos anos quinhentos.

Logo após dividir-se, o novo rio desce por um pequenino trecho, e mais uma vez se bifurca recebendo dois mínimos afluentes. E esta bifurcação-lago forma uma imagem notável, pois dela sairá em linha reta ao norte um rio que mais acima se dividirá. Os dois rios resultantes da repartição ganharão afinal nomes. Um deles

é o *R. de Juan de Lix*, e ele desaguará no que supomos ser – porque não há nomes – a Baía de São Luis, no Maranhão. O outro é o *R. Grande*.

Mas o que importa aqui é o que se vê desde o entroncamento a leste ao litoral. Do pequeno lago sem nomes desde onde sobem os dois rios acima mencionados, não longe do ponto de em que o rio primitivo se bifurca e toma a direção norte, sai a leste um rio que logo após o lago que forma outra vez se divide, abraçando outro lago estreito e longo. Desde o ponto de saída em direção ao litoral, o rio derivado já recebe este nome: *R de S. Francisco*. O mesmo nome será repetido em letras menores logo adiante. Após tornar-se um “rio independente” e ganhar a direção sul-nordeste para, logo adiante flexionar-se e chegar ao litoral em uma curva norte-sudeste, o rio São Francisco alarga-se para formar primeiro (e pela primeira vez nos mapas até aqui descritos) três definidas e bem desenhadas ilhas. O outro rio que sai do entroncamento é o *Rio Real*, desta vez bastante menor do que o São Francisco.

Este mapa e outros a ele semelhantes começarão a dar ao São Francisco o seu real desenho. As três grandes bacias fluviais do Brasil estarão nele, e em outros mapas, já claramente delineadas. Apenas, aqui e em outros mapas as dimensões de comprimento e largura dadas aos rios Amazonas, Paraná (não em todos os mapas) e *De la Plata* serão muito maiores do que as do São Francisco e outros rios que deságuam com ele no litoral do Nordeste.

Com a mesma sequência do mapa holandês que acabamos de deixar, outro mapa (Fig. 16) apresenta, no entanto, dimensões bastante diversas. Nele a parte desenhada da América do Sul parece deitada, de tal sorte que o norte aponta para sua direção lateral, por cima do Litoral Norte e diretamente sobreposta ao estuário do rio Amazonas – *R. delas Amazonas* - que neste mapa ocupa a mesma posição do Litoral Nordestino na quase totalidade dos outros.

Pois bem, um imenso estuário (ou seria uma lagoa gigantesca?) de onde partem vários pequenos e um fino e longo rio, tem apenas esta indicação: *Puerto de los Reyes*. O longo rio corta em linha reta e sem qualquer afluente pelo trajeto de uma grande extensão, o que seria o interior de parte da América Espanhola e, sobretudo, do que veio a ser o Brasil. Observemos que em

um ponto dos sertões, sem referência alguma, a não ser um breve topônimo: *Raris*, o longo e fino rio bifurca-se e compõe um grande lago semi-ovalado. A ele chegam e dele partem dois pequenos rios sem nomes. Dele parte também, em direção levemente ascendente ao Litoral do Nordeste, um rio que em seu percurso forma três pequenas lagoas sem nomes. Entre os dois últimos lagos ele se bifurca para formar os dois rios: o *R. Real* e o *R. de S. Francisco*.

Outra mapa (Fig. 17) quase reproduz a anterior. Mas com uma diferença sutil e importante. Nele, logo após a segunda lagoa estreita formada pelo rio que sai do grande lago, um rio resultante do encontro de outros dois, sobe e se encontra com o primeiro rio. Estas indicações poderiam sugerir que o rio saído do grande lago poderia ser o *R. Real*, e que o *S. Francisco*, vindo do sul ou de um interior distante, corta o *R. Real* e deságua adiante no oceano. Notemos que entre os dois estuários, indicado apenas por uma linha para cada rio, estão o breve – mas com uma foz bem mais larga – *R. d. S. Miguel* e o lugar de *Serecipe de Rey*.

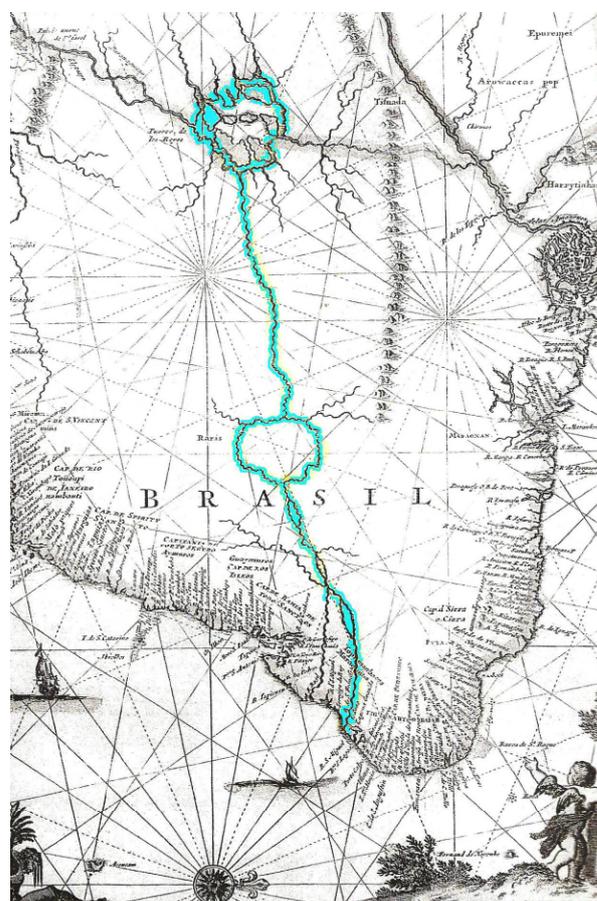


Fig. 16 - *Brasilia* Awnsam Churchill, 1673. 28,5 x 36 cm.

O rio São Francisco, após haver sido representado como um mínimo risco junto ao oceano no Litoral do Nordeste, e que aos poucos aumenta largura e comprimento de seu traçado em direção oeste-leste, finalmente penetra sertões adentro, nasce muito longe do mar e a ele chega depois de aprisionar lagos e abrigar ilhas junto à foz. Mas a direção predominante ainda será esta: oeste-leste.

#### 4. UM RIO QUE DESCE AO NORTE

Outro mapa, mostrado na Fig. 18, poderá revelar um momento de “descoberta” do verdadeiro traçado do rio São Francisco. Nele, o rio que adiante receberá este nome: *Rio de S. Francisco* parece se originar da clara junção de dois rios situados no interior, mais ou menos à altura de *Porto Seguro*. Neste mapa, o São Francisco, após “descer a norte”, dobra levemente de novo em direção sul-leste, abre-se em um pequeno lago sem nome e finalmente abre a sua pequena foz. Que não nos escape um outro rio *S. FranciSco*. Com o seu nome situado entre dois rios, um que vem de norte-sul, e outro que deságua no exageradamente largo *R. de la Plata*.

Navegaremos agora um São Francisco

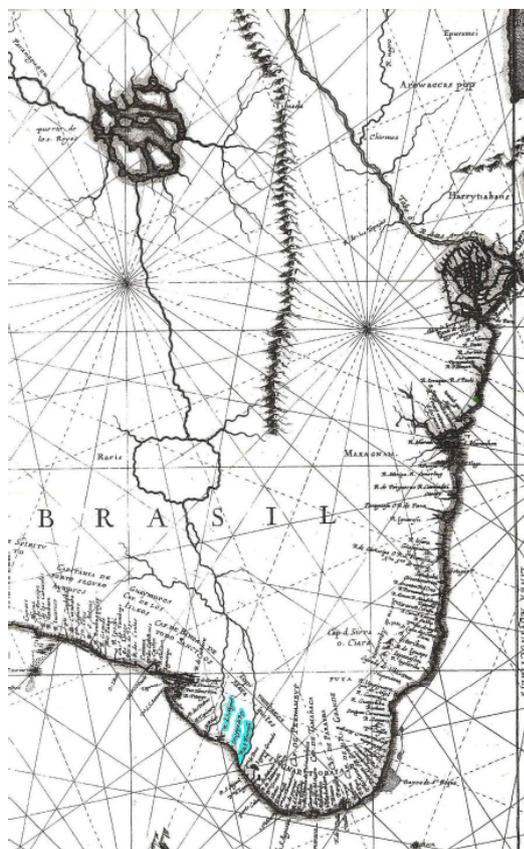


Fig. 17 – *Brasilia* Johannes Baeu, 1640. 38 x 49,5 cm.

que começa a ganhar o traçado de seu destino cartográfico atual. Ele abandona um lago central e formador de bacias, misteriosamente situado no centro do Brasil ou, em alguns mapas, num quase Centro da América do Sul. Ele deixará de formar, com ou sem o rio Real, um grande lago muito antes de chegar ao litoral. Ao nascer, ele finalmente começará a descer em direção ao local de sua nascente em Minas Gerais.

Assim, na *Recens elaborata MAPPA Geographica Regni BRASILIA in América Meredionalis* (Fig. 19), o rio São Francisco nasce em um branco no mapa; um ermo sem nomes no interior de uma região que, quando no litoral, será uma vez mais a *Capitania de Porto Seguro*. Um rio paralelo que nasce um pouco acima do São Francisco e mais a leste, adiante deságua nele, e o único nome que se lê, fora o nome *Rio St. Francisco*, é a palavra *Motayas*, provavelmente querendo significar alguma tribo indígena da região, como de costume. No território da então *Capitania de Ilheos*, outro rio sem indicação de nome toca o São Francisco e deságua no oceano mais ao norte.

No segundo encontro ambos formam um pequeno lago também sem nome. Este rio nasce dentro da *Capitania de Porto Seguro*, mais a leste que o São Francisco e corre paralelo a ele em direção sul-norte. Logo após a formação do lago, ambos tomam, lado a lado, a direção oeste-leste e deságuam no oceano. É só então que aparece para o segundo rio o nome que nos tem acompanhado até aqui: *Rio Real*. O São Francisco formará um segundo pequeno lago antes de sua foz. Entre os dois rios, quando já em direção aos seus estuários, está escrito: *Capitania de Ciriü*.



Fig. 18 - *Delineartio Totius Australis Partis Americae...* Arnold Florent van Langren, 1596. 39 x 55,5 cm.

Um estudo de história da cartografia do Brasil bastante mais especializado e acurado do que esta breve viagem entre mapas antigos, haveria de decifrar o que nos parece um pequeno mistério. Ele está em que alguns mapas ainda dos anos quinhentos dão ao São Francisco o seu quase traçado atual, enquanto outros, como vimos até aqui, mesmo datados de muitos anos após, ou o reduzem a um breve “olhar desde o mar”, ou o empurram oeste-leste ao centro do continente.

Assim é que em um *Brasiliaanze Scheepvaard door - JOHANN LERIUS Gedaan uit VRANKRYK in 't Laar 1556*, (Fig. 20) três rios sem nome escrito nascem em uma quase mesma latitude do centro de uma *Brasilia*, no que, uma vez mais, quando junto ao litoral, seria a *Cap. de Porto Seguro*. Os únicos nomes escritos são de povos indígenas: *Weittaka*, *Tapuyes*, *Guaracativi*, *Maimini*, *Ari Pahi*, *Guigra*. Neste ponto, com palavras agora e não com, uma vez mais os dois mundos da *Terra Brasilis* se dividem claramente, entre o colonizado e o selvagem. Junto ao litoral que desce do Nordeste até o que são hoje terras de São Paulo, os lugares são nominados em paralelo como capitânicas. Elas começam na *Cap. de Paraíba* e terminam na *C. d S. Vicente*. De certo ponto a oeste em diante somem os nomes europeus e, dispersos sem a mesma simetria, surgem, como vimos, apenas nomes indígenas. E esta nomenclatura de sertões de “gentios” vale tanto para a Amazônia e os sertões do cerrado, quanto para territórios mais ao sul de *S. Vicente*.

Os três rios tomam a direção sul-norte, ou sudoeste-nordeste, no caso de dois deles. Ainda bem ao centro do Brasil, na altura da *Cap. de Ilheos* dois deles se encontram e logo os três se reúnem em um só. Este será o *R. S. Francisco*. No litoral onde ele deságua está escrito isto: *Duttugaris R. S. Francisco*. Ele deságua logo acima de um rio que, tal como em outros mapas, aparece como *R. Real*, cujo estuário é maior do que o do São Francisco.

Uma dupla leitura pode ser feita deste rio Real. A um olhar, como escrito acima, ele poderia estar descendo desde o sul – desde o território ainda não identificado como Minas Gerais, pois o mapa assinala apenas as capitânicas partidas do litoral. Ele sairia do São Francisco como uma espécie de afluente às avessas, logo após

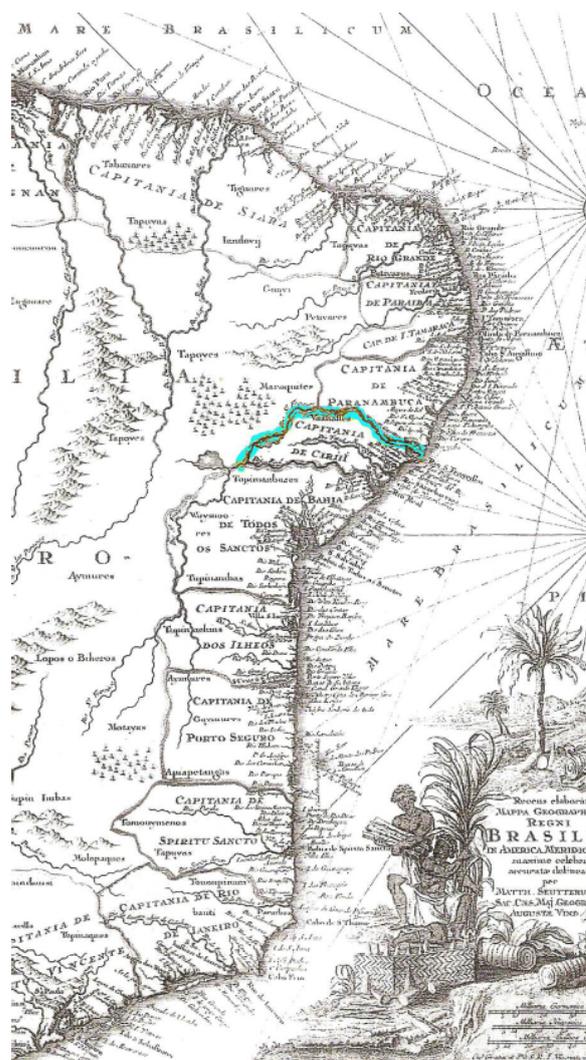


Fig. 19 - *Recens Elaborata Mappa Geographica Regni Brasiliae in America Meridionali*. Geogre Matthäus Seutter, 1740. 49,3 x 55,5 cm.

o segundo lago e imediatamente antes de um terceiro lago, menor ainda, que o *R. Real* forma. A um segundo olhar, talvez o mais acertado, o *R. Real* será representado saindo do São Francisco, acima do segundo lago, como se fosse um braço do grande rio.

Notemos que pouco antes de tomar a definida direção oeste-leste, o São Francisco lança um breve braço e com ele forma um lago, que por sua vez parece receber um breve rio vindo de uma serra. Do outro lado desce em direção norte o *R. Siope*, que mais acima será um dos formadores do *R. Pará*. Logo após conformar o pequeno lago, o São Francisco se alarga e adiante constrói dentro de seu leito um segundo lago. Fosse menor e situada dentro do rio e entre suas margens, poderia ser uma das ilhas que irão povoar mapas mais atuais. Entre os dois lagos, o São Francisco corre com um



Fig. 20 - *Brasiliaanze Scheepvaard door Johan Lerijs Gedann vit Uraneyk in 't laar 1556*. Pieter Van der Aa.

traço de duas linhas, o que em geral caracteriza os rios de maior porte. E eles não serão muitos nos mapas antigos.

Um mapa francês, mostrado na Fig. 21, muito semelhante ao mapa anterior aproxima bastante o que parece ser um dos braços de nascente do São Francisco de um fino e longo rio que, ao contrário dele, toma a direção leste-oeste, e em uma quase linha reta deságua no *Paraguay R*, da Bacia do Prata. No mapa assinado *par le Sr. Sanson d'Abbeville*, em Paris, e com este nome: *Amerique Mredionale*, são dois e não três os breves rios que se juntam, e na altura do nome *Los Isleos* formam o São Francisco. Nele aparece um lago entre o *R. S. Francisco* (o nome do rio não está em Francês, mas, como praticamente todos os que não são indígenas, em Espanhol ou em Português) e o *Siopo R*, que irá desaguar no litoral do *Siara*. Neste mapa um rio sai do lago entre os outros dois, e logo adiante do curso do São Francisco, e deságua entre os nomes: *Serecipe* e *Bahia de tod. los Sato*

No mapa *Regnum BRASILIA in América Australi – Primogeniti Portug. pincipis dos amplifima* (publicada na obra *A invenção das Minas Gerais*, pela PUC/MG, mostrada na Fig. 22) os nomes de supostos formadores do



Fig. 21 - *Amerique Meridionale par Le Sr. Sanson*. Nicolas Sanson, c. 1670. 20 x 28 cm.

São Francisco afinal aparecem. Dentro de uma vasta região denominada, com grandes letras maiúsculas como *BRASILIA BARBARORUM* (O Brasil dos Bárbaros) quatro rios de maior porte “descem” em direção sul-norte. Eles são: *R. Galinhole*, no extremo oeste, *Rio Gata Caig* (ou algo equivalente), no extremo leste e, entre eles, o *Rio Gaibuuy* quase paralelo ao anterior e, finalmente, o *R. S. Francisco*, no qual os dois a leste deságuam. Dos quatro rios, dois são assinalados como tendo as suas nascentes próximas do lado norte de uma *Serra de GuaSembaga*.

O rio mais a oeste dos quatro parece ser aquele no qual deságuam os outros, inclusive o que recebe o nome de *S. Francisco*. No entanto, ao longo do curso do rio que unifica os outros três o nome escrito uma segunda vez, rio-abaixo (mas subindo em direção sudoeste-nordeste) e logo acima de um *Lago de Pirapitinga* é o deste conjunto: *Rio Grande S. Francisco o Parapitingaa*. Como em outros mapas, quando já próximo do litoral e em direção levemente descendente noroeste-sudeste, ele se bifurca e o rio que deságua mais ao sul no litoral é, uma vez mais, o *Rio Real*. Uma linha pontilhada que por longo trajeto acompanha o desenho de uma cadeia de montes, separa em um campo escuro do mapa a parte referente às capitânicas hereditárias. Ocupando quase todo o percurso do São Francisco, observemos que o nome *TAPOUYE* marca o intervalo entre a civilização e a selvageria de uma já nossa conhecida *Brasília Barbarorum*. É ao longo dela que o *s. Francisco* observa quase todo o seu traçado.

Em outro mapa de origem francesa, todo o espaço em branco situado acima do trecho em que o *Riviere de Saint François* toma a direção

oeste leste, recebe esta indicação: *L'Interieur du País n'est pas connu. Les nations qui l'habitent sont nommées TAPUYAS.*

Eis o momento de chegarmos enfim a um mapa em que o Rio de São Francisco, seja desenhado com um traçado bastante mais próximo ao dos mapas dos séculos XVIII e XIX em diante. No mapa: *Suite DU BRESIL Depuis la Baye de Tous de Saints jusqu'a St. Paul. Pour servir a l'Histoire Génele. des Voyuages – tiré de l'amerique de M, Danville*, datado de 1761 e mostrado na Fig. 23, é possível identificar um longo trajeto do *R. Saint François* entre Minas Gerais e a Bahia. Neste mapa de tempos em que os sertões da margem direita do São Francisco começam a ser conhecidos e povoados, os nomes de povos indígenas são deslocados para mais a oeste, ou simplesmente desaparecem.

Apenas o território situado à esquerda do rio será ainda um *Étendue de País désert e peu connu*. Um primeiro grande afluente com nome atual deságua no São Francisco, vindo justamente deste vasto território “pouco conhecido”, o *R. Urucuia*, um dos poucos afluentes que João Guimarães Rosa lembrará com destaque no *Grande sertão: veredas. Urucuia*, o rio sobre o qual ele revelará, através do jagunço Riobaldo, a sua estima.

“O Urucúia vem de dos montões oestes. Mas hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendas de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens, dessas lá há. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho.” (ROSA, 1985, p. 7)



Fig. 22 - Regnum BRASILIA in América Australi – Primogeniti Portug. pincipis dos amplifima.

Neste mapa, o *Lac Parapitinga* será deslocado para sul e oeste e será formado por um *R. Pirubitiba* e seu afluente sem nome, paralelo ao *R. das Velhas*, situado e muito acima (mas ao sul) do São Francisco. Além deste rio por onde viajou Richard Burton, que nos acompanha no presente estudo, o São Francisco finalmente aparece recebendo vários afluentes nominados em ambas as margens. No entanto, apenas o Urucúia aparecerá como um rio notável a oeste do curso do São Francisco.

O São Francisco é agora um grande rio. Na verdade, este é um primeiro mapa, dentre os consultados, em que se desenha com detalhes e posições mais precisas não apenas o rio, mas boa parte de sua bacia hidrográfica.

Em 1861 é publicado – na verdade, “lithographado” – pela Lithographia Imperial do Rio de Janeiro, um grande “ATLASE RELATÓRIO CONCERNENTE A EXPLORAÇÃO DO RIO DE S. FRANCISCO DESDE A CACHOEIRA DA PIRAPÓRA ATÉ O OCEANO ATLÂNTICO – LEVANTADO POR ORDEM DO GOVERNO DE S. M. I. O SENHOR DOM PEDRO II pelo Engenheiro Civil HENRIQUE GUILHERME FERNANDO HALFELD em 1852, 1853 e 1854”. Ao longo destes anos, em sucessivas e

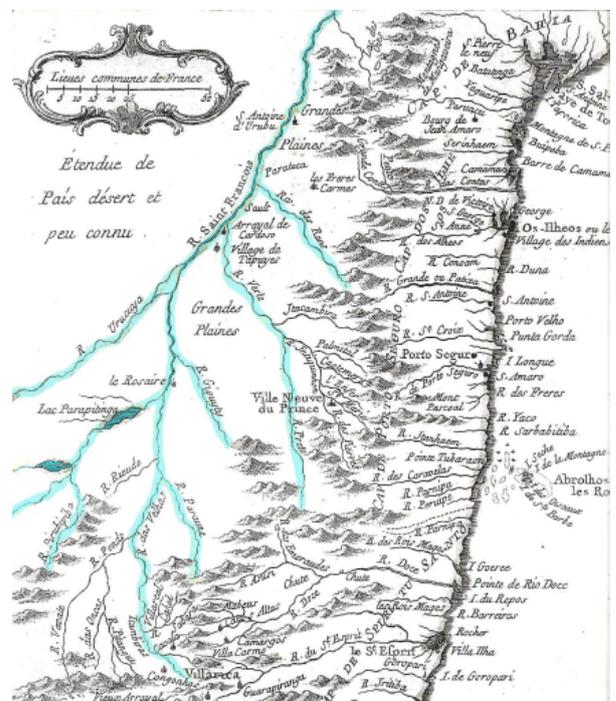


Fig. 23 - *Suite DU BRESIL Depuis la Baye de Tous de Saints jusqu'a St. Paul. Pour servir a l'Histoire Génele. des Voyuages – tiré de l'amerique de M, Danville*, 1761. Tom XIV. in 4º nº4. Tome 13. in 8º Page 285 nº2.

demoradas viagens por todo o curso navegável do São Francisco, o engenheiro Halfeld repete boa parte da viagem de Richard Burton, munido de instrumentos da época, ele o descreve minuciosamente, tanto no desenho de mínimos detalhes em que sua preocupação maior é o registro da navegabilidade do rio, quanto na descrição com palavras e números, com que relata de forma quase milimétrica, cada passagem do São Francisco e suas imediações. Estas imagens estão organizadas e mostradas na Fig. 24.

Estamos quase ao final da viagem através de um rio que começa a sua história “para os homens” e a sua trajetória cartográfica como um pequeno traço. Como um risco breve e sumamente impreciso nos primeiros mapas da *Terra Brasilis*. Um rio que demora a estender rumo ao interior dos sertões de dentro e, mais ainda, a descer em direção às suas reais nascentes.

Que nossa última imagem aqui, mostrada na Fig. 25, seja um mapa traçado a mão, sem qualquer divisão ou traço que revele um trabalho rigoroso, o fundo de cor parda seria da tinta usada ou do papel sobre o qual se lê: *Divisão dacapatiania d/as Jeraes com as minas jeraes?*. A palavra *Jeraes* está escrita bem abaixo do restante da linha da frase e pode não fazer parte dela. Mais abaixo ainda outros dizem anunciam uma área despovoada de brancos: *Sertao Povoado de Jentio Comicao*. Logo se vê que se está em território de São Francisco rio-abaxo, pois o último rio assinalado com um nome, depois de uma sequência de outros vários afluentes é o *R. Carunhanha*. E logo depois dele o mapa anuncia a *divisão da capitania das minas Jeraes*. Na outra margem deságua no São Francisco o *R. Verde*, e sem divisão sequer de uma vírgula de novo é marcada a *divisão deminas Jeraes*

Na confluência entre um afluente sem nome assinalado e o São Francisco, o mapa

mede o seguinte: *daqui ate ascabeceyras do R. de S. Francº tem de comprido 174 Legoas. Comayor Largura He Pracatu aSima em the as Suas Cabeceyras 70 las.*

Estranho que pelo lado direito do rio que desce ao norte há um vazio de desenhos sugerindo cidades, vilas e povoações, em contraste absoluto com o lado esquerdo. Na margem esquerda são desenhadas pequenas casas e, com maiores detalhes, figuras de igrejas que indicam povoações menos conhecidas, como *S. Caetano do Tapore*, *Brejo do Salgado* e até mesmo uma *Povoação nova há titulo de descoberto de ouro*, ao lado do traçado de um grande número de pequenos e grandes rios, todos eles desaguando de forma direta ou indireta no São Francisco – *R. Preto*, *R. Pracatu*, *R. Urucuya* e o *R. Carinhanha* entre os maiores e os nominados.

Na outra margem somem os rios, à exceção do *Verde*, na linha de divisa. Desaparecem os desenhos e os detalhes rudes e mal traçados e restam apenas alguns nomes: *Comarca doSerro dofrio*, *Minas novas*, *Tijuco teras damantinas*, *Vila Rica*.

Cortando todo o mapa o *R. de S. Francisco* divide-o em duas metades. Sobretudo na metade exageradamente detalhada, a figura rústica lembra uma árvore com galhos e ramos de um lado, e vazia deles do outro. Longo e imponente o São Francisco semelha o tronco da árvore, ou a haste de um grande galho dela. Imagens que lembram o trecho do último parágrafo do *Grande sertão*: *veredas*, com que podemos encerrar esta viagem.

“Cerro. O senhor vê. Conteí tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Pra velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim. Cumpro. O Rio de São Francisco que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme...” (ROSA, 1985, p. 568)

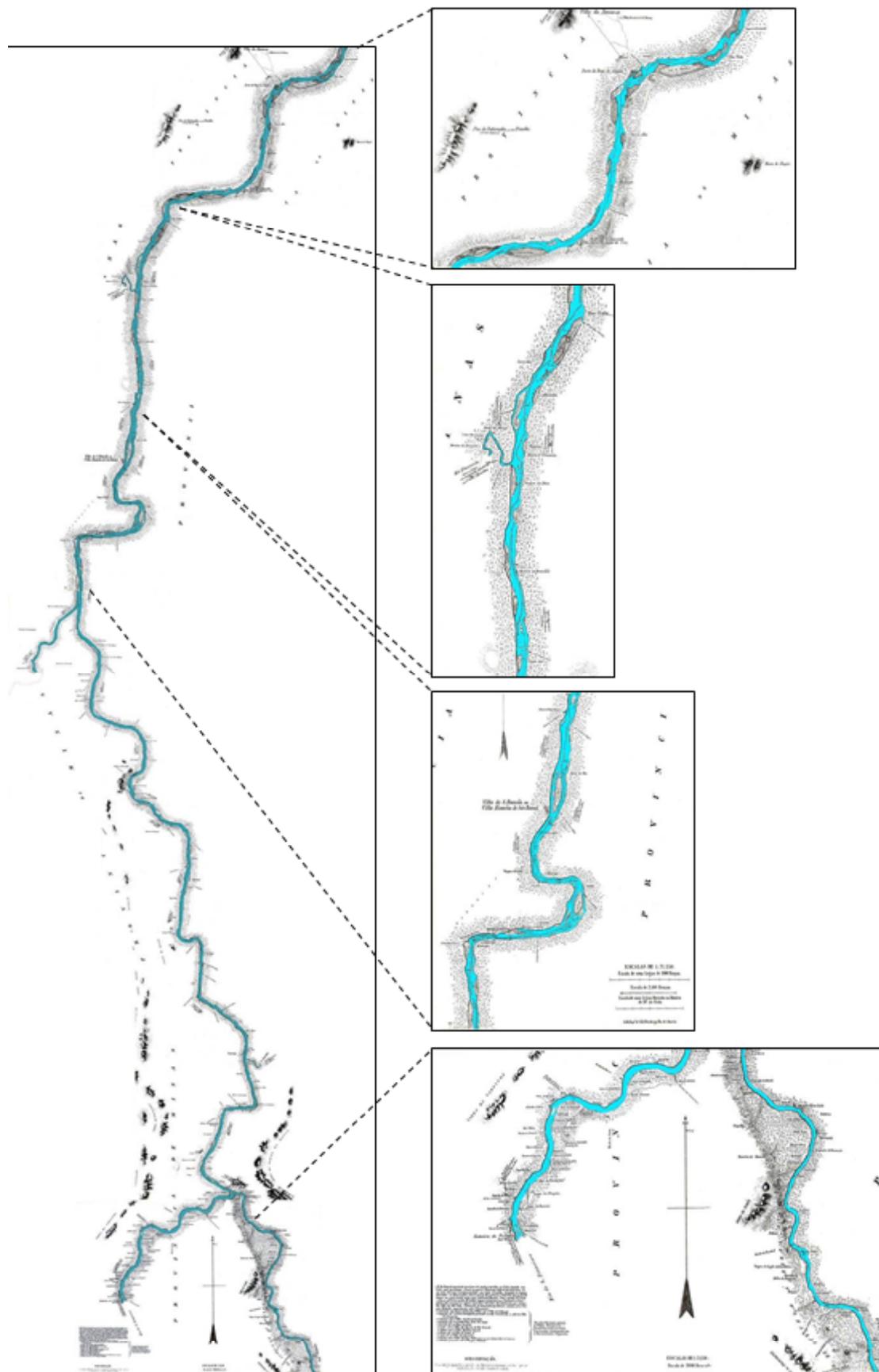


Fig. 24 - Org.: BORGES, M.C. Organizado com base nos mapas do *Atlas e Relatório concernente a exploração do Rio São Francisco desde a cachoeira da Pirapora até ao Oceano Atlântico. Levantado por ordem do Governo de S.M.I. o senhor Dom Pedro II. Pelo engenheiro Guilherme Fernando Halfeld em 1852, 1853 e 1854. E mandado lithographar na Lithographia Imperial. Eduardo Riensburg. Rio de Janeiro. 1860.*



Fig. 25 - Aquarela colorida – AHU (n. 252/1158)  
Foto Laura Castro Caldas e Paulo Cintra –  
Projeto Resgate

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernando Eduardo de. **A invenção das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica e Editora PUCMINAS, 2008. Coleção Historiografia de Minas Gerais – série universidade. 400p.

Aquarela colorida – AHU (n. 252/1158) Foto Laura Castro Caldas e Paulo Cintra – Projeto Resgate.

INSTITUTO CULTURAL BANCO SANTOS.

**O tesouro dos mapas – A cartografia na formação do Brasil**. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2002. 339p.

BURTON, R. **Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1977. 359p.

GODINHO, H. P.; GODINHO, A. L. (orgs.). **Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais** Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. 468p

HALFELD, G. F. **Atlas e Relatório concernente a exploração do Rio São Francisco desde a cachoeira da Pirapora até ao Oceano Atlântico**. Levantado por ordem do Governo de S.M.I. o senhor Dom Pedro II. Pelo engenheiro Guilherme Fernando Halfeld em 1852, 1853 e 1854. E mandado lithographar na Lithographia Imperial. Eduardo Riensburg. Rio de Janeiro. 1860.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: veredas**. 18ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 568p.  
SAINT-HILAIRE, A. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1975. 382p.